

JONATHAN  
TROPPER

AUTOR DE  
SETE DIAS  
SEM FIM

Antes



MELHOR





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para Spencer, Emma e Alexa,  
o motivo de meu trabalho ser feito com amor.*

# LIVRO UM

## CAPÍTULO 1

É TERÇA-FEIRA E FALTAM pouco menos de três semanas para sua ex-mulher se casar e alguns dias para Silver decidir, ainda que com alguma hesitação, que nem sempre vale a pena levar a vida adiante quando, como no seu caso, ela é tão mal vivida. Faz mais ou menos sete anos e quatro meses que Denise se separou dele por causa de um monte de motivos válidos e aproximadamente oito anos que a sua banda, Bent Daisies, lançou seu único disco, transformando seus integrantes em astros do rock da noite para o dia graças a uma única canção de sucesso, “Rest in Pieces”. Durante um abençoado verão, parecia que todos estavam cantando aquela música. Depois pararam, e ele nem sequer conseguiu ser preso – embora, na verdade, Silver tivesse sido preso em duas ocasiões: uma vez por dirigir embriagado e outra por coação. E ele falaria a respeito disso se lhe dessem a oportunidade, mas, na melhor das hipóteses, seria pouco claro acerca dos detalhes na época, e agora era como se esse fosse um caso havia muito esquecido. E então, com certa manipulação por debaixo dos panos feita pela gravadora, Pat McReedy, o vocalista, deixou a banda para lançar sua épica carreira solo, abandonando Danny (baixo), Ray (guitarra) e Silver (bateria) em Elmsbrook, para encararem o triste resto de suas vidas sem um pingão de glamour. Sem ter para onde ir, Silver voltou para casa e descobriu que Denise já havia trocado a fechadura e contratado um advogado.

Mas isso foi há muito tempo, e estamos numa terça-feira oito anos e incontáveis erros depois. Silver tem (por incrível que pareça) 44 anos, está fora de forma e deprimido – embora não saiba se cabe usar o termo depressão quando se tem bons motivos para estar deprimido; talvez, nesse caso, você esteja simplesmente triste, se sentindo sozinho, ou tenha, diariamente, a dolorosa consciência de todas as coisas que nunca mais poderá ter de volta.

E, por ser terça-feira, Silver e Jack estão indo bater uma punheta.

– Isso é uma aliança?

Eles estão descendo a estrada em alta velocidade no BMW conversível com dez anos de uso de Jack quando este nota o anel no dedo de Silver. Jack está escutando hip-hop a toda a altura, fingindo que conhece a letra, enquanto o amigo acompanha distraidamente o ritmo mecânico, batendo com a mão nos joelhos. Eles têm a mesma idade, são veteranos tarimbados em decisões epicamente erradas e resultados desastrosos.

Silver se esqueceu de tirar a aliança. Só Deus sabe há quanto tempo a está usando. Horas? Dias, talvez. Seu dedo ainda tem o sulco da época em que ele era casado e, toda vez que a põe, a aliança escorrega para o lugar como uma peça moldada e ele se esquece de sua existência. Desgostoso, tira a aliança do dedo e a coloca no bolso para que fique tilintando com as moedas.

– Que merda é essa, Silver? – diz Jack.

Ele precisa gritar para ser ouvido acima do ruído da estrada, do hip-hop e do zumbido incessante nos ouvidos do amigo. Silver sofre de um caso entre moderado e grave de tinido. Não existe cura e, pelo que sabe, ninguém está correndo triatlos para sensibilizar a população ou angariar fundos para a pesquisa. Silver sofre sozinho.

– Eu só estava mexendo com ela.

– É a sua aliança de casamento?

– E qual outra seria?

– Sei lá, pensei que, de repente, você poderia ter saído e comprado uma.

– Por que cargas-d'água eu compraria uma aliança?

– E por que você estaria usando a sua aliança velha dez anos depois de ter se divorciado?

– Sete.

– Desculpe. Sete anos. Você tem toda a razão.

Jack dá um sorrisinho dissimulado, daqueles que dizem “Conheço você melhor do que você mesmo”, daqueles que geralmente fazem com que Silver tenha vontade de enfiar o dedo no olho de Jack, dar a volta por trás do nariz e sair pelo outro olho, criando uma alça eficaz para arrancar o seu rosto.

– Algo de errado, Silver?

– O que poderia haver de errado? Sou um homem de 44 anos que está indo se masturbar dentro de um copo por 75 dólares. Minha vida é um sonho.

Jack sorri.

– O dinheiro mais fácil que você vai ganhar na vida.

Ele passa boa parte do tempo com Jack se perguntando se o amigo realmente acredita nas próprias baboseiras. Os dois são divorciados de meia-

-idade e a amizade entre eles nasceu da inconveniência mútua, pois moram no mesmo andar no Versailles. Jack acha que Silver está deprimido, Silver acha que Jack é um idiota e, no geral, ambos têm razão.

Eles estão a caminho de uma filial do Instituto de Pesquisas Médicas Blecher-Royal, no qual vão se registrar, submeter-se à picada de um exame de sangue e, depois, à sofreguidão da automanipulação asséptica para então gozar atrapalhadamente em recipientes apropriados. Vão fazer tudo isso sem a ajuda de nenhum lubrificante químico, em nome da ciência, por uma recompensa semanal de 75 dólares.

Os testes de medicamentos nos quais estão inscritos – Jack encontrou o anúncio na internet – têm como objetivo desenvolver um novo tratamento não hormonal para a baixa motilidade de espermatozoides. Os possíveis efeitos colaterais incluem variações de humor, tonteiras e, estranhamente, baixa libido, um fato que o administrador do teste revelou, sem o menor indício de ironia, durante a sessão de orientação de vinte minutos.

Você não vai querer saber do material que deixam lá, do cheiro sufocante de desinfetante industrial borrifado sem parcimônia naquele quatinho nem das revistas pornográficas gastas em que Silver recusa a tocar por causa de todos os dedos melados que já as manusearam. Assim como não vai querer saber do deprimente televisor de pequenas dimensões apoiado sobre um móvel bambo da IKEA ou do montinho de DVDs com capas marcadas com um H(étero) ou um G(ay). Nem de como ele evita sentar na cadeira ou assistir aos vídeos, limitando-se a ficar em pé no centro do aposento com as calças caídas em volta dos tornozelos, invocando as imagens de garotas com as quais dormiu quando era suficientemente jovem para ser consumido por um beijo profundo e apaixonado, a visão de um seio recém-desnudado, dos olhos embaçados e semicerrados de uma garota no cio fixos nele enquanto ela o acolhia avidamente lá embaixo.

Mas, como sempre, pouco antes de a sua ejaculação tocar o fundo do recipiente com um suave ruído plástico, por mais determinado que ele esteja a evitá-la, a imagem de Denise surge à sua frente, de cara fechada, com seu costumeiro ar de escárnio, esvaziando aquele momento de todo e qualquer prazer molecular que pudesse ter sobrevivido.

Um último e triste aperto seguido de um grunhido, o frio úmido dos lenços umedecidos e, depois, a tepidez do sêmen sentida em seus dedos através da fina parede de plástico do recipiente, mais vivo do que qualquer coisa saída dele tem o direito de parecer.

## CAPÍTULO 2

**NO SAGUÃO, JACK**, que já terminou, está cantando a recepcionista. Ela não faz o tipo dele – uma carinha tímida com um leve prenúncio de acne adulta na ponta do queixo –, mas Jack gosta de se manter afiado. Nunca se sabe quem pode estar procurando casa.

Jack é corretor de imóveis e, antes que você perceba, tem um cartão de visitas enfiado entre dois dedos, pronto para colocá-lo na sua mão, como o inverso de um batedor de carteiras. Seu porte atrevido é o de quem está sempre fechando um negócio, esteja ele tentando convencer alguém a ir para a cama ou para uma casa de estilo colonial. Na verdade, é famoso por conseguir fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Isso já acontecia quando ainda era casado, portanto era só uma questão de tempo. Houve uma *barwoman* porto-riquenha. Ela apareceu na casa dele na hora do jantar, xingando-o em espanhol. A esposa foi atrás de Jack, primeiro com um martelo de carne, depois com uma equipe de profissionais do poderoso escritório de advocacia do pai.

– Aí está ele! – diz Jack, anunciando a presença de Silver para todo o escritório. – O que foi? Precisou se convidar para jantar antes? Eu estava prestes a mandar a Vicki para agilizar as coisas.

Vicki sorri, constrangida, talvez até ofendida, mas, de alguma maneira, também lisonjeada. Esse é o dom de Jack.

– Estou bem.

Ele entrega sua contribuição a Vicki sem estabelecer contato visual, ela lhe dá o cheque e, simples assim, seu sêmen está vendido. O recipiente é opaco, mas, de qualquer maneira, o ato de entregar o próprio esperma a uma mulher é uma daquelas coisas que nunca deixarão de parecer assustadoras.

– Bom trabalho – observa Jack, dando um tapinha nas costas do amigo enquanto eles saem do escritório para o sol vespertino.

“Esta é a minha vida”, Silver pensa consigo mesmo e, como sempre, tenta desesperadamente não entrar em pânico.



Erros foram cometidos.

É difícil saber por onde começar. As coisas têm sido confusas há tantos anos que tentar identificar um ponto de partida é como tentar descobrir onde começa a sua pele. Tudo o que você vai conseguir saber é que ela envolve todo o seu corpo e que, às vezes, parece um pouco mais apertada do que você gostaria.

Mas, é claro, houve erros. Graves. Dá para perceber só de olhar para ele.

Para início de conversa, ele engordou. Não está obeso, não está tão gordo como o pessoal que aparece nas fotos da revista *People*, mas, mesmo assim... Há um grande hiato entre ele e qualquer coisa que possa ser relacionada a “boa forma física”. Aliás, alguém ainda usa essa expressão: “boa forma física”? Silver não saberia dizer. Ainda não desmoronou, mas as rachaduras estão rapidamente se transformando em fissuras: uma pança cada vez mais pronunciada, papadas incipientes e, nas temporadas mais quentes, a aplicação estratégica de talco para bebês a fim de evitar assaduras.

Então, para não ficar com cheiro de talco para bebês, ele usa quantidades excessivas de desodorante e doses generosas de Eternity, da Calvin Klein. Aplica a colônia borrifando-a no ar e, em seguida, andando em meio ao vapor, como via a mãe fazer quando era criança.

Portanto, sim, agora ele é o gordo que tem cheiro de talco para bebês e perfume em excesso e que fica sentado sozinho no Manny’s Famous Pizza, deixando impressões digitais gordurosas por todo o livro que, na verdade, não está lendo enquanto limpa a gordura do queixo mal barbeado com um guardanapo e fica de olho em todas as garotas bonitas que entram.

Você seria perdoado por considerá-lo um pouco patético. Ou por achar que é um pedófilo.

E é por isso que, nos últimos tempos, ele adquiriu o hábito de usar a velha aliança de casamento. Não porque sente saudade de Denise – de forma alguma, e talvez essa seja uma triste confirmação das suspeitas que ela sempre teve acerca de suas habilidades emocionais em geral –, mas porque aquele aro de ouro em volta de seu dedo altera todo o quadro, confere-lhe um tênue lustre de respeitabilidade. Significa que ele volta para casa e encontra alguém que vê qualidades redentoras na sua pessoa, alguém que não é ostensivamente avesso a estabelecer algum contato físico, mesmo que ocasional, com

ele e que faz com que todos os seus defeitos óbvios pareçam mais superficiais, menos arraigados. As coisas poderiam se complicar se ele puxasse conversa com uma mulher bonita, mas as mulheres com as quais ele tende a interagir hoje em dia não são, de um modo geral, do tipo que hesita diante de uma aliança.

## CAPÍTULO 3

**ELE TEM O** hábito de deixar que os deprimentes vestígios do seu reservatório de esperma desvançam na *The Last Page*, uma grande livraria independente na tranquila região central de Elmsbrook. Geralmente, fica sentado no pequeno café da loja, lendo a *Rolling Stone* e bebendo um refrigerante grande, repondo os fluidos enquanto espera.

Lily chega às quinze para as três, os longos cabelos casualmente amarrados em um rabo de cavalo frouxo que já está se desfazendo, mechas alouradas se soltando e deixando atrás dela um rastro como o da cauda de um cometa. Seus cabelos foram tingidos de diferentes tons de louro por tanto tempo que perderam toda a memória genética, de maneira que as raízes visíveis são mais confusas do que escuras. Sua legging preta está enfiada em botas pretas de caubói, e o torso enxuto é coberto por um cardigã folgado cor de terra. Ela traz seu violão nas costas, numa capa preta, com o braço para cima, como uma espada ninja.

Silver a observa atentamente de seu banco alto no café. Imperfeições não faltam: a testa proeminente, o pequeno nariz de lutador, um dente lateral desalinhado. Mas o pacote final tem uma composição agradável, uma beleza fragmentada que perdura mesmo após ela ter passado por ele e se dirigido para a Seção Infantil.

Ele a ama tanto quanto qualquer homem é capaz de amar uma mulher com a qual nunca falou, o que é muito mais do que você pode imaginar. Trata-se de um amor puro, épico a seu modo. Se fosse preciso, pularia na frente de um ônibus em movimento por ela. A única outra pessoa pela qual faria algo semelhante é Casey, sua filha, que talvez fosse capaz até de se divertir com o espetáculo. Em dezoito anos, ele não dera prova alguma de si mesmo como pai. A triste verdade é que morrer por Casey talvez seja sua única chance de redenção e, mesmo assim, ele acha que nem isso o ajudaria muito. Qualquer idiota pode morrer, certo?

Ele se desloca furtivamente pelos corredores de livros como um ladrão

de lojas. Já é possível ouvir os sons suaves do violão de Lily, pontuados pelo sibilo ocasional da máquina de *espresso* no café da livraria. Ela faz aquela apresentação duas vezes por semana para um punhado de crianças de 3 e 4 anos que se sentam em um pequeno círculo em volta de sua cadeirinha de plástico, bebendo seus sucos de caixinha e cantando, enquanto várias babás conversam baixinho entre si em dialetos das ilhas.

Silver para na seção de Autoajuda, onde pode ouvi-la sem assustar ninguém. *Trinta dias para perder a barriga, Emagrecer comendo, O manual da autoestima* – uma indústria bilionária construída a partir do pressuposto questionável de que as pessoas podem ser consertadas. Ele finge folhear os livros enquanto vê Lily tocar. Ela dedilha as cordas e todo o seu corpo se mexe, seus cabelos caindo sobre o rosto como uma cortina. Por fim, ela levanta o olhar para as crianças e começa a cantar.

*O gato voltou/ No dia seguinte/ O gato voltou./ Acharmos que ele tivesse sumido/ Mas o gato voltou./ Não conseguiu ficar longe, longe, longe...*

Não tem explicação. É uma canção infantil sem sentido. E sua voz fraca vacila nos agudos e às vezes desafina. Mas ela canta com paixão, como se fosse uma canção de amor nua e crua, sua dor mais profunda traduzida em música. A ridícula canção é pequena demais para conter sua energia, então ela transborda, inundando a loja, inundando Silver. As crianças cantam o refrão, desafinadas – já assistiram àquilo antes –, mas a voz de Lily ergue-se sobre as vozes delas e flutua em volta dos ventiladores de teto daquela pequena livraria que luta para se manter viva na era digital. Ele sente o conhecido nó se formando na garganta, a sensação paradoxal de ter perdido algo que nunca teve. Quando ela chega à terceira estrofe, ele se desmancha.

*O homem na esquina jurou que atiraria no gato assim que o visse/ Carregou a espingarda com pregos e dinamite/ Ficou esperando que o gato aparecesse/ Noventa e sete pedaços do homem foi tudo o que encontraram.../ Mas o gato voltou...*

Veza por outra, a clareza o arrebatava como uma onda, inundando-o de constatações e lembranças do que ele perdeu e de quem ele se tornou. Silver fica impotentemente à espreita na seção de Autoajuda, um homem de meia-idade confuso com pernas inquietas, ouvidos zumbindo e o coração doído, contendo as lágrimas suscitadas por uma desconhecida que canta apaixonadamente sobre a tentativa de assassinato de um gato.

\* \* \*

A seu ver, ele está à beira do abismo. Segundo as suas estimativas, talvez ainda tenha uma última chance de ter algum tipo de amor verdadeiro e duradouro, isso antes de levar em consideração a sua capacidade distorcida e altamente comprometida nesse campo. Ele amou mais mulheres do que qualquer homem deveria. Mais do que cair nas garras da paixão, ele a bombardeia como um kamikaze destemido e a todo o vapor. Ele costumava considerar essa propensão um dom, depois uma maldição, e agora entende que é apenas mais um de seus defeitos.

Silver já está sozinho há muito tempo, mais de sete anos. Em um dado momento, a solidão se torna mais um hábito do que um problema. Com o tempo, você deixa de olhar para o telefone e se perguntar por que não consegue pensar em alguém para quem ligar, deixa de cortar o cabelo, deixa de fazer exercícios, deixa de pensar que amanhã é o primeiro dia do resto da sua vida. Porque amanhã é hoje, e hoje é ontem, e ontem você ficou assustado e arrasado. A única maneira de permanecer são é deixar de esperar por algo melhor.

Mas ainda há algo nele, um pequeno bolsão de insurgência que não cedeu totalmente. Há uma parte dele que ainda acredita que ela existe, a mulher que enxergará o homem por trás daquela massa instável e fragmentada, a mulher que sabe exatamente o que fazer com o paradoxo sem esperança de um amante kamikaze como ele. E ele sabe que essa é a parte que deve morrer para que um dia ele volte a ter um sono profundo.

*A primeira garota que ele amou foi Sofie Kinslehour. Ela usava o cabelo curtinho e tinha uma marca de nascença rosa e com formato de chifre no pescoço, e a primeira vez que se beijaram, ela deu um gemidinho que transmitiu um mundo de sensualidade que até aquele instante ele só havia intuído vagamente. Eles tinham 16 anos, estavam em um canto escuro do estacionamento atrás da escola – uma partida esportiva qualquer estava acontecendo – e, quando ela gemeu, ele se ouviu respondendo da mesma maneira, como se ela tivesse despertado algo em Silver que ele não sabia que existia. Ela apertou o corpo todo contra o dele, abrindo a boca para aceitar a sua língua. Nas semanas seguintes, ela o ocupou como um exército conquistador. Em casa, ele se masturbava tão furiosamente e com tanta frequência que, a certa altura, teve medo de sofrer danos reais e permanentes. Quando estavam juntos, beijavam-se até ficar em carne viva, até os lábios incharem, cascas descamadas, as línguas com cãibra. E depois, um dia, tudo acabou. Ele não se lembra dos pontos principais, mas as estatísticas e o frio espasmo de arrependimento em sua barriga toda vez que pensa no assunto garantem que foi ele que vacilou primeiro, que encontrou uma falha aleatória em Sofie à qual se agarrar até ser totalmente devorado por ela.*

## CAPÍTULO 4

É VERÃO E O ar está pesado com aquela umidade opressiva da Costa Leste que lhe rouba o fôlego e molha as costas da sua camisa assim que você põe os pés fora de casa. Ele está sentado com Jack e Oliver nas cadeiras de sempre na piscina do Versailles, tentando, como todas as outras pessoas, dar a impressão de que não está olhando para as garotas da faculdade.

Ou seriam mulheres da faculdade? Ele não sabe. Elas desafiam qualquer categorização, aquele bando de estudantes bronzeadas e de biquíni esticadas como balas puxa-puxa em espreguiçadeiras perto da parte rasa da piscina. Silver está em seu lugar de sempre, entre Jack e Oliver, na diagonal das garotas, fingindo ler uma revista. Em torno de toda a piscina, outros homens estão sentados, sozinhos e em grupos, todos iguais, todos tristes e esgotados, maltratando-se com olhares furtivos para o fruto proibido.

– Vejam só essas garotas – diz Jack, provavelmente pela terceira vez.

Silver tende a ignorá-lo.

Eles não precisam que ele as mostre. Afinal de contas, são homens – não os homens que talvez tenham sido um dia, nem os homens que poderiam ser –, mas homens, de alguma maneira. E aquelas garotas, aquelas mulheres... bem, elas brilham com apetitosa perfeição sob seus cremes FPS 15, cozinhando as peles macias e imaculadas até chegarem à cor de mel precognizada por livros e revistas, digitando em dispositivos envolvidos em capas de borracha cor-de-rosa e vermelhas ou ouvindo seus iPods com os pés nus e bem tratados se mexendo de acordo com a música. Elas fazem aquela coisa com os lábios que as garotas costumam fazer quando sentem a música, um beicinho que parece beijar o ar enquanto a cabeça se mexe para cima e para baixo.

A piscina deveria ser exclusiva dos residentes do Versailles, um apart-hotel na saída da rodovia, mas as garotas vão para lá diariamente como convidadas de Jack e ninguém nunca reclama. Elas vêm do Hudson College, situado a apenas quatro quarteirões de distância do outro lado da Estrada 9.

O semestre está recomeçando e ter tantas mulheres jovens e apetecíveis tão perto de um lugar como o Versailles é como guardar fósforos e explosivos na mesma gaveta.

Sim, ele mora num apart-hotel. Erros.

O Versailles, um monólito sem graça que se ergue como uma lápide de 14 andares sobre o nó de marinho de avenidas e rampas que se conectam à Rodovia Interestadual 95, é o único prédio de apartamentos no perímetro urbano de Elmsbrook. Anos atrás, foi convertido em um hotel residencial no qual os quartos podem ser alugados semanal ou mensalmente. Como tal, tornou-se o destino inevitável de todos os homens tristes e feridos de Elmsbrook, banidos de suas casas após a desintegração de seus casamentos. Uma aura de fracasso paira sobre o lugar – homens de meia-idade morando sozinhos em quartos de hotel pequenos, esparsamente mobiliados e subdivididos. “Ele está morando no Versailles agora”, dizem as pessoas, e todos sabem exatamente o que significa. É *aquele* prédio. A piscina, a academia, o porteiro, a luxuosa mobília do saguão – nenhum desses confortos consegue encobrir o fato de que aquele é um lugar no qual homens destroçados lambem as próprias feridas à medida que as batalhas pelos bens conjugais e pela guarda dos filhos são lentamente perdidas a um custo aproximado de 650 dólares por hora mais despesas.

Na planta arquitetônica emoldurada que ainda está pendurada no saguão, o prédio é retratado em um branco suave que brilha ao sol, cercado de gramados verde-esmeralda e copas frondosas de freixos e carvalhos. Mas a comissão de ocupação do terreno exigiu um estacionamento maior, então o gramado e as árvores, bem como as criancinhas empinando pipas vermelhas e amarelas, nunca saíram do papel, e a fumaça de óleo diesel que sobe das rodovias adjacentes transformou gradualmente o Versailles em uma laje vertical da cor de uma nuvem carregada. É difícil decifrar a lógica de exibir aquela imagem do prédio em todo o seu esplendor não realizado. Talvez uma piada cruel, na opinião de alguém, ou uma metáfora grosseira cujo objetivo é causar uma espécie de tortura subliminar nos habitantes.

Quando Silver era casado, o prédio, então com melhor aparência, ainda era uma frase de efeito vazia dita ao final de discussões: “Se eu sou tão horrível assim, por que você simplesmente não sai de casa? Tenho certeza de que há uma vaga no Versailles...” Assim. Pule sete anos e ali está ele, a soma de toda a sua existência confinada a um compacto apartamento de dois quartos no oitavo andar ao lado de seus irmãos de armas, os homens exilados das



ruas arborizadas de Elmsbrook, do aconchego das acarpetadas e acortinadas casas em estilo Tudor e colonial, privados de casamento e família, mas ainda pagando por tudo aquilo de todas as maneiras possíveis. Pagando hipotecas de casas nas quais não são mais bem-vindos; pagando os novos guarda-roupas, cortes de cabelo, limpezas de pele, depilações e mensalidades de academia das ex-mulheres, tudo para tonificar, suavizar e enrijecer corpos que não podem mais tocar; pagando personal trainers, que provavelmente estão comendo suas esposas, e os advogados delas, que estão acabando com eles, além de também estar pagando os próprios advogados, que parecem não conseguir fazer nada a respeito da questão a não ser explicar em termos leigos, exatamente, como eles estão se ferrando. Pagando aulas de beisebol, futebol, piano, patinação no gelo e caratê, Gap Kids, escolas privadas, fonoaudiólogos, explicadores, atividades extracurriculares e plano de saúde. No saguão, é possível sentir o prédio vibrando com a agitação coletiva de homens desesperados que vivem em um estado constante de pânico atenuado, em um esgotamento permanente, evitando extratos bancários, vendendo bens que estão minguando, sabendo que só conseguirão dar conta dessa confusão colossal por um certo tempo antes que tudo se acabe em meio ao miasma ácido dos tribunais e da falência.

Portanto os homens do Versailles, irmãos de desventura, estendem as mãos uns aos outros de maneira invisível, como os homens costumam fazer, e pequenas e frágeis amizades de conveniência surgem como musgo no deserto. Eles reclamam e resmungam em ouvidos simpáticos à sua causa, pregando para os convertidos sobre os tribunais, as leis antiquadas, os filhos da puta dos advogados e aquela nova, impingida e aparentemente inexpugnável pobreza na qual todos eles aterrissaram. E, quando não estão reclamando, tentam como loucos acreditar que aquela não é uma situação permanente, que podem e vão reencontrar o amor, que não vão morrer sozinhos, que vão fazer algum tipo de sexo no futuro próximo. Mas, enquanto isso, eles se queixam, enchem a cara e olham para mulheres de idade inadequada em busca do lado bom da situação, perguntando a si mesmos quando as regalias vão começar a entrar em cena.

O que nos traz de volta às universitárias.

– Quer dizer, deem uma boa olhada nelas, por favor – diz Jack.

Jack tem uma beleza que permite que ele não tenha problemas com seus

olhares descarados. É alto e esbelto, feito para andar por aí sem camisa, tem cabelos escuros e crespos e uma covinha no queixo digna de um super-herói. Ele e Silver se conheciam superficialmente em suas vidas pregressas, parte de um círculo amplo de maridos e pais mais ligados pela amizade das esposas do que por algum sentimento genuíno entre eles mesmos. E agora estão ligados pela ausência delas. Ninguém ficou mais feliz com o divórcio de Silver do que Jack, que praticamente saltitou no meio do saguão quando o amigo se instalou no Versailles.

– Olhe você para elas – resmunga Oliver embaixo do boné de beisebol amassado cobrindo seu rosto. – Estou tentando cochilar aqui.

Oliver tem quase 60 anos, é alto e corpulento, tem a pele flácida, os olhos cansados e um oceano de uísque por trás do cinto. É um dos poucos homens que não precisa morar no apart-hotel: é suficientemente rico para viver em qualquer lugar, mas gosta da camaradagem. Foi casado três vezes, criou filhos que não falam com ele e tem netos que nunca viu. Oliver é catorze anos mais velho que Silver, e Jack é um misógino safado demais, mas, de alguma forma que Silver não conseguiria explicar mesmo que tentasse, eles se tornaram tacitamente uma unidade.

E lá estão eles, cozinhando todos os dias sob o sol: Jack, alto e magro, só agora começando a perder um pouco da definição do abdômen e do peito; Silver, sobrando para todos os lados, como um arremessador de beisebol que está envelhecendo; e Oliver, para lá de bolorento, a flácida barriga de cerveja dando-lhe uma forma arredondada e vagamente semelhante à de uma pera. Jack e Oliver são como fotos do tipo “antes e depois”, e Silver é o estágio intermediário, o momento em que foi tudo para a cucuia.

– Claro, existe o óbvio – diz Jack, ignorando Oliver. – Nem é preciso mencionar as vantagens anatômicas. Mas olhem mais fundo. Observem os olhos delas, a maneira como se mexem, o modo como riem. Elas estão repletas dessa... sexualidade intacta. Elas ainda amam os homens. Ainda estão a pelo menos mil trepadas de distância das mulheres amargas e cínicas que todas acabam se tornando.

– Ou uma noite com você.

– Ah, vá à merda, Oliver.

– Elas são meio jovens para você, não? – comenta Silver.

– Porra nenhuma – diz Jack. – Quem você acha que vai satisfazer essas garotas? Os caras da faculdade? Pense em quando você tinha 20 anos. Claro, você era uma ereção ambulante, mas era bom em alguma coisa? Sabia real-

mente como dar prazer a uma mulher? Sequer se importava com isso? Não, tudo o que você sabia era onde enfiar o seu negócio e, em noventa por cento dos casos, acabava antes mesmo de ela começar.

Silver pensa em uma garota, não consegue lembrar o nome, deitada ao seu lado nos suarentos confins da cama de solteiro do quarto dela no dormitório, seus grandes olhos observando-o com desejo incontido, e percebe uma sensação que se tornou costumeira ultimamente: uma tristeza monótona e intensa por todas as coisas que ele não pode ter de volta.

– Esqueça o que você acha que sabe – continua Jack, mostrando-se mais animado, o que nunca é uma boa coisa. – Essas não são as garotas com as quais eu fiz faculdade. Essa é uma espécie evoluída. Elas adoram sexo. Adoram e querem e sentem que têm o direito inalienável de fazê-lo. Essas garotas são feministas, que Deus as abençoe!

– Quer parar de discursar? – diz Oliver. – Estou tentando relaxar aqui.

– Vamos, Oliver, você sabe que ficaria com qualquer uma delas. Uma garrafa de vinho, uns dois Viagras e você estaria pronto.

Oliver tira o boné de cima do rosto e estreita os olhos na direção de Jack.

– Mas será que alguma delas ficaria comigo?

– O que você está dizendo? Você é um homem bonito.

– Sou velho e gordo e sobrevivo por conhecer o meu papel na selva.

– E qual seria esse papel?

– O sapo velho e rico que de vez em quando paga para que chupem o seu pau – declara Oliver, cobrindo novamente o rosto com o boné.

E, justo naquele momento, Silver pensa que há algo nele que lembra vagamente um sapo.

As garotas se esticam e se viram nas espreguiçadeiras, abrindo habilmente os fechos dos sutiãs dos biquínis para evitar marcas de bronzeamento. Balançam as pernas, passam loção nos decotes, lambem os lábios, brincam com os cabelos compridos. Jack levanta os seus Ray-Ban e as observa com os olhos semicerrados, depois ri de toda aquela maravilha.

– Deus do céu! – diz.

Oliver solta um peido, longo e alto, como ar escapando de um balão furado.

– Pelo amor de Deus, Oliver, tome um comprimido – reclama Jack.

Esses são os seus supostos amigos hoje em dia.

\* \* \*

Eles ainda estão sentados lá, duas horas mais tarde, quando Casey aparece. O sol está bem em cima deles, o cheiro de bronzeador na pele das garotas se espalha pela piscina para atíçar os seus sentidos. Ouvido de uma posição privilegiada, o estrondo dos caminhões que correm pela estrada pode lembrar o barulho de ondas quebrando no mar. Silver está, como parece acontecer com frequência ultimamente, à deriva em uma névoa de lembranças, fantasias e arrependimentos.

– Silver.

E talvez, em seus dias melhores, em um tênue brilho de esperança.

– Silver!

Casey caminha resoluta na sua direção, trajando shorts e uma frente única leve, os cabelos cor de amêndoa caindo em cascata sobre as costas e tremulando levemente na brisa de verão. Enquanto ela se aproxima, ele consegue ver as sardas que polvilham seu rosto como uma constelação em forma de ferradura. Jack suspira, fazendo questão de mostrar que não está secando a filha do amigo.

– E aí? – diz Casey, com aquela displicência cansada que reserva exclusivamente para o pai.

Como sempre, no instante em que a vê, ele sente o coração parar repentinamente, como acontece no primeiro momento após uma batida, ou, ele supõe, quando você está se afogando. Amor ou pânico. As duas coisas sempre foram bastante indistintas para ele.

– Oi, Casey – responde ele sentando-se na espreguiçadeira e, de repente, fica constrangido pela barriga protuberante, a barba por fazer, o cabelo não cortado. – O que você está fazendo aqui?

Ela sorri como se a pergunta tivesse desencadeado uma piada interna.

– Pois é, o que estou fazendo aqui?

Não é surpresa alguma o fato de que ele nunca foi considerado um pai-modelo por ninguém. Nos sete anos desde o divórcio, Silver deixou de comparecer, propositalmente ou por descuido, a mais aniversários, recitais, partidas esportivas e jantares do que ousaria lembrar. Seu relacionamento com Casey evoluiu gradualmente de descontraído para difícil e, por fim, distante, e, depois que a puberdade tomou conta de Casey, a habitual capacidade dela de perdoar tornou-se mais fugaz. Silver sabe que a culpa é toda dele, sabe que merece muito mais desprezo do que ela é capaz de sentir; mesmo assim, existe algo em ver sua garotinha olhá-lo com altivez e dizer “Pois é, o que estou fazendo aqui?” que faz com que você se sinta irremediavelmente magoado.

Casey observa os três, e Silver consegue vê-los pelos olhos dela. Jack, o Casanova que está envelhecendo, valendo-se de um charme sem argúcia que começou a sumir no final dos anos 1990; Oliver, flácido, carrancudo e suficientemente velho para ser seu avô; e ele mesmo, suando em uma camiseta extragrande de uma banda que parou de ser descolada antes mesmo de ela nascer. Os olhos de Casey se deslocam rapidamente para as universitárias e voltam para eles com um brilho cínico, flagrando-os como os velhos babões e tristes que realmente são.

É difícil se levantar com elegância quando se está sentado com uma perna de cada lado de uma espreguiçadeira e encolhendo a pança ao mesmo tempo. Ele consegue ficar na vertical, mas somente após uma negociação desajeitada com a inércia e, de alguma forma, aquele esforço simples o deixa corado e sem fôlego. O Versailles tem uma academia decente e, com todo o seu tempo livre, seria de imaginar que já tivesse entrado lá àquela altura do campeonato.

Silver beija o rosto da filha. Ela não se retrai, e ele fica ridiculamente feliz.

– Olhe só para você – diz Jack para ela. – Com quantos anos você está?

– Dezoito.

– Uau, isso faz com que eu me sinta velho!

– Não, acho que é provavelmente a sua idade que faz com que você se sinta assim.

– Shazam! – exclama Jack. Ele faz isso às vezes. Eles não sabem por quê.

Casey revira os olhos, basicamente negando a existência de Jack, e olha para Silver.

– Preciso falar com você.

– Está tudo bem?

Ela parece pensar por um instante.

– Tudo supimpa.

– Quer ir para perto das cabanas?

– Claro.

Enquanto ela anda à sua frente, ele percebe uma ponta de cor, um brilho vermelho em seu ombro.

– O que é isso?

– É só uma rosa – responde ela, na defensiva.

Em matéria de tatuagem, é bastante discreta; uma rosa vermelho-sangue com uma única folha tatuada sobre a escápula. Até mesmo um pai de merda pode chorar por algo assim. Mas já faz muito tempo que ele jogou fora qualquer direito à indignação paterna, então calcula que pode ganhar um ponto.

– Legal.

Casey dá um sorriso torto para ele.

– Você deveria ver a da minha bunda.

– Meu Deus!

– Foco, Silver. Temos assuntos mais importantes a tratar.

– Tipo?

Ela vira o rosto para ele, ainda com um sorriso sarcástico nos lábios, mas seus olhos estão arregalados, e ele percebe que ela está tremendo.

– Tipo... – responde ela – estou grávida.

Há momentos em que você pode literalmente sentir o planeta girando sob seus pés, tanto que você precisa instintivamente se agarrar a algo. Ele segura gentilmente o braço de Casey e olha no fundo dos seus olhos. Os dois ficam ali de pé, com o mundo desmoronando à sua volta, ambos esperando para ver o que ele vai dizer.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)